

CURSO EXPERIMENTAL DE MEDICINA DA USP, AGRESSÕES E LEGADO

Marcello Marcondes Machado¹

Daniel Garcia



Situado na Cidade Universitária do Butantã, o HU tornou-se um equipamento médico de referência

Constituída de antigos catedráticos, a conservadora cúpula da Faculdade de Medicina não se abalou com a cassação e afastamento, pela Ditadura Militar, de dois presidentes da Comissão Didática do Curso Experimental, Isaias Raw e Alberto Carvalho da Silva, ambos considerados esquerdistas. Foi a semente que passou a dar força à ideia de que o “Experimental de Medicina” era um curso “de esquerda”. Vítima de várias agressões, o curso foi extinto pela Congregação em 1974 e sua última turma graduou-se em 1980. Entre as heranças, deixou o Hospital Universitário e o Centro de Saúde Escola Butantã

É importante dizer algumas palavras sobre a criação do Curso Experimental de Medicina da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Em 1966, o Governo Militar age com rigor para que as universidades públicas aumentem o número de vagas. Estima-se que a FMUSP pudesse aumentar suas vagas em 75%, de 100 para 175 alunos por turma, sem verbas adicionais. Dois professores da FMUSP, de grande prestígio, Alípio Correa Neto, cirurgião, e Antonio de Barros Ulhôa Cintra, clínico, solicitam uma entrevista com o governador do Estado, Abreu Sodré.

Escrevo entre aspas a linha de argumentação dos dois professores junto ao governador: “Em vez de simplesmente aumentar o número de vagas, vincular esse aumento a um curso de medicina inovador, já delineado por um grupo de professores que se reúnem há três anos. Assim, atende-se em um único gesto aos militares, porque se aumenta o número de vagas, e à academia, porque se cria um curso inovador de medicina”.

Esse grupo que se reunia periodicamente havia três anos era constituído por um cirurgião (o coordenador), dois clínicos, um pediatra, um ginecologista-obstetra, um docente da medicina preventiva, um bioquímico, um fisiologista, um aluno e por quem mais se dispusesse a participar e executar tarefas.

O governador aceita a proposta, ciente de que o novo curso terá custos financeiros adicionais.

Diante da postura do governador, a Congregação da FMUSP aprova:

- A criação do Curso Experimental de Medicina e

- A criação da Comissão de Orientação Didática do Curso Experimental de Medicina (Codcem).

A Faculdade de Medicina da USP passou, então, a ter dois cursos: o Tradicional e o Experimental.

“Os cinco principais marcos do Curso Experimental são os Níveis de Assistência, a Integração Vertical, Centro de Saúde Escola, Ciclo Clínico Hospitalar e Sexto Ano Eletivo (internato), no qual se escolhe uma entre quatro carreiras médicas: de família, especialistas, intensivistas e cientistas”

A 1ª turma do Experimental teve início em 1968, portanto há 54 anos. Neste texto irei destacar, apenas, os cinco principais marcos do Curso Experimental de Medicina, ou simplesmente “Experimental”. São eles: I. Níveis de Assistência; II. Integração Vertical; III. Centro de Saúde Escola; IV. Ciclo Clínico Hospitalar; V. Sexto Ano Eletivo.

Esses marcos definem as diferenças entre o “Experimental” e o Tradicional, bem como entre ele e outros cursos de medicina habitualmente ministrados.

I. NÍVEIS DE ASSISTÊNCIA

Era objetivo do “Experimental” propiciar aos alunos ensino, assistên-

cia e pesquisa nos três níveis de assistência: primário, secundário e terciário, integrados entre si.

1) **Nível primário.** Para atendimento de portadores de doenças comuns, não graves, nas Unidades Básicas de Saúde, antes denominadas de Centros de Saúde. Durante dois anos o Experimental foi “hóspede” do Centro de Saúde, no bairro Lapa, a quem devemos votos de agradecimento.

Entretanto, o Experimental precisava ser o gestor de um Centro de Saúde Escola. Com o apoio do secretário da Saúde Walter Leser, o professor Eduardo Marcondes obteve que o cobiçado Centro de Saúde do Butantã, reformado e ampliado, passasse a ter a denominação de “Centro de Saúde Escola do Butantã”² do Curso Experimental de Medicina da FMUSP. A Faculdade era a responsável, o Experimental o gestor e a palavra Escola a razão de ser: a de ensinar ao prestar atendimento à saúde.

2) **Nível secundário.** Para atender pacientes que podem necessitar de internação e possuir ambulatórios com algumas especialidades médicas.

A Comissão de Orientação Didática do Experimental considerou que esse hospital, por ser um hospital de ensino, integrativo entre o nível primário e o terciário, deveria ter características especiais. Considerou-se, então, ser necessário construir um hospital que tivesse, desde o seu início, todas as características para prestar atendimento em nível secundário.

Novamente, o professor Eduardo Marcondes se autodetermina, com

notável perseverança e inteligência, e atua repetidamente, junto ao governo estadual, à Prefeitura, à Reitoria, à Diretoria da Faculdade e, em janeiro de 1970, o governador autoriza a construção do Hospital Universitário (HU) e de sua Unidade Anexa de Pesquisa.

Após seis anos, em março de 1976, o HU e sua Unidade de Pesquisa são entregues, com o devido “habite-se”. Foi uma glória o Experimental contar com um hospital para promover o atendimento em nível secundário.

3) **Nível terciário.** Já existia no Hospital das Clínicas da FMUSP, com o seu famoso Pronto Socorro e já com o esboço de algumas Unidades de Terapia Intensiva, capacidade médica para dar atendimento a casos complexos, na realização diagnóstica e na conduta terapêutica.

II. INTEGRAÇÃO VERTICAL

Os “Blocos de Ensino” abrangiam sete sistemas do organismo: Locomotor, Neurologia, Digestivo, Cardiopulmonar, Endocrinologia e Nefrologia. Para cada sistema do organismo ministrava-se em sequência: Anatomia, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Farmacologia, Síndromes Principais e “Doentes” (se possível).

Condição indispensável para o sucesso de cada Bloco: contar com um coordenador docente, presente em todas as fases.

III. CENTRO DE SAÚDE ESCOLA

No Centro de Saúde Escola os alunos acompanhavam o atendimento de crianças, adultos e gestantes. A meta era induzir os alunos a con-



Interior do Centro de Saúde Escola do Butantã

siderarem os pacientes como entidades psicossomáticas indivisíveis. Para obter essa meta foi necessário reunir clínicos, cirurgiões, pediatras, ginecologistas, psicólogos, psiquiatras (e outros profissionais da saúde) e antropólogos.

À medida que os alunos passavam a se autoconsiderarem seres humanos psicossomáticos indivisíveis, logo a seguir passavam a considerar os pacientes igualmente indivisíveis.

IV. CICLO CLÍNICO HOSPITALAR

Tendo como objetivo uma forte formação em Clínica Médica Geral, era ministrado no Hospital das Clínicas das 14 às 18 horas, nos dois semestres letivos. Foram contratados oito docentes em tempo integral e com dedicação exclusiva, e formados grupos de nove alunos por docente, havendo um paciente para cada aluno.

O ritmo forte do ciclo também incluía: rodízio de docentes a cada dois meses, portanto quatro docentes diferentes por grupo a cada ano; visita

diária aos pacientes do grupo, exceto às quartas-feiras, reservadas para seminários; a atribuição de um paciente por aluno, acrescida de sua participação nas visitas diárias ao grupo de doentes, gerava contato de cada aluno com 90 pacientes por ano, em média. Gerava-se um conhecimento médico respeitável.

Seminários ocorriam uma vez por semana, sobre a doença presente em paciente do grupo. O doente era avaliado na visita e a sua doença no seminário. Ao fim do ano letivo todos os grupos tinham todos os seminários previstos, cada grupo na sua própria sequência.

V. INTERNATO DO SEXTO ANO (ELETIVO)

Uma inovação do Experimental: o internato sem aulas e sem rodízios. Porém, implicava obrigatoriamente uma opção entre quatro carreiras médicas: 1) médicos de família e de comunidades; 2) médicos especialistas; 3) médicos intensivistas; 4) médicos cientistas.

Os médicos de família, os médicos especialistas e os médicos intensivistas poderiam ser formados no Centro de Saúde Escola e no Hospital das Clínicas, cada uma das carreiras com programação específica.

Deixava-se bem claro que a carreira eletiva era apresentada no sexto ano do curso, mas tinha que ser consolidada na *residência médica*, por mais um, dois ou três anos, ou até mais, conforme fosse a complexidade da carreira escolhida, para só então receberem o respectivo título profissional.

Quanto aos “médicos cientistas”, poderiam ser formados em diferentes unidades da USP, entre as quais a própria Faculdade de Medicina, com o auxílio de unidades como Instituto de Matemática e Estatística, Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Ciências Biomédicas, Faculdade de Saúde Pública, e outras que fossem necessárias.

Haveria, obrigatoriamente, de se ter uma Comissão de Tutoria que designaria docentes para orientar e acompanhar os alunos em suas opções de carreira.

“O Experimental passou a ser vítima de agressões. Proibição do uso de alguns ambientes para aulas práticas no prédio da FMUSP, mesmo quando ociosos; proibição de que docentes do Tradicional exercessem atividades didáticas no Experimental. Proibições inaceitáveis”

Os alunos do Experimental eram solicitados ao fim de cada semestre a preencher um formulário avaliativo, com tópicos indagativos, e uma avaliação de ruim, médio, bom ou ótimo a cada tópico. Todo o verso da mesma folha era reservado para comentários livres. Noventa por cento das avaliações eram de bom ou ótimo, e os comentários, desprezando-se as piadinhas, eram elogiosos, com sugestões variadas. Os alunos tinham a liberdade de se identificar ou de se manterem anônimos.

Por outro lado, ainda nos anos 1970, docentes participantes das atividades didáticas e mesmo docentes não participantes, mas que tinham conhecimento da estrutura do Experimental, expressavam-se com elogios.

Voltemos a 1968, ano da Reforma Universitária, na qual a cátedra foi extinta e o nome “Catedrático” foi substituído pelo de “Professor Titular”. Criou-se o Departamento composto por representantes de todas as categorias docentes e devendo possuir, no mínimo, dois Titulares. O chefe do departamento tinha um mandato de dois anos, com direito a uma recondução. A composição da Congregação também foi ampliada, com aumento da composição dos docentes, funcionários e alunos.

Enfim, aquela figura de catedrático, que era chefe de tudo até a sua aposentadoria compulsória, deixou de existir. Entretanto, mantiveram-se suas auras de respeito e poder. Eram os professores da cúpula da Faculdade de Medicina, ainda em atividade, em uma faixa etária mais avançada.

É conveniente descrever algumas dificuldades que o Experimental enfrentou para voltar a ter um presidente em sua Comissão de Orientação Didática, após a aposentadoria do professor Alípio Correa Neto, o seu primeiro presidente, um intelectual socialista.

O segundo presidente foi o professor Isaias Raw, bioquímico de reconhecimento internacional, apolítico, cassado pelo governo militar. Terceiro presidente, o professor Alberto Carvalho da Silva, fisiologista com discípulos notáveis, foi afastado de qualquer atividade docente, pelo mesmo governo. Quarto presidente, o professor Eduardo Marcondes se manteve na função por dez anos, até a graduação da derradeira turma, em 1980.

A cúpula da FMUSP, quase toda ela constituída de antigos catedráticos, não se abalou com a cassação e o afastamento de presidentes da Codcem. Não houve qualquer reação. A cúpula era conservadora e aqueles dois punidos eram considerados esquerdistas. Foi a semente que passou a dar força à ideia de que o “Experimental de Medicina” era um curso de esquerda. E que deveria ser extinto.

O Experimental passou a ser vítima de várias agressões. Faço destaque a duas, ambas oriundas de um mesmo departamento: proibição do uso de alguns ambientes para aulas práticas no prédio da Faculdade de Medicina, mesmo quando longamente ociosos; proibição de que docentes do Tradicional viessem a exercer quaisquer atividades didáticas no Experimental, o que implicou solicitar a cooperação de docentes da



Usuários deixam CSEB após atendimento

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP). Cito essas duas proibições por serem antiacadêmicas, inaceitáveis.

As atitudes antagônicas ao Experimental eram tantas e tão variadas que a Reitoria tomou a iniciativa de nos ofertar um galpão, grande e bem conservado, com espaço para atender a todas as nossas necessidades, com conforto, e distante das agressões. O Experimental passou a ter casa própria.

Foi aborrecido para a cúpula da FMUSP o fato de, previamente à extinção, nos dois últimos vestibulares o Experimental ter tido, por vaga oferecida, maior número de inscritos do que o Tradicional.

Em 1974, a Diretoria da Faculdade de Medicina, logo após a sua posse, e com o apoio irrestrito da Reitoria da USP, submete à Congregação a proposta de extinção do Experimental, que é plenamente aprovada. Em

sequência, aprova-se que a turma de 1975 seria a última a se matricular no Experimental.

Essa derradeira turma graduou-se em 1980, encerrando de vez o programa proposto pela Codcem.

“Constava, também, da pauta da Congregação da FMUSP discutir o destino do HU. Muitos de seus membros desconheciam a existência do Experimental, bem como do HU. Ficaram surpresos por terem que passar a ensinar 175 alunos, devido à extinção do Experimental”

Constava, também, da pauta dessa reunião da Congregação da FMUSP discutir o “destino do Hospital Universitário”. Com a extinção do Experimental, a Faculdade assumia a gestão do HU. Muitos membros da Congregação desconheciam a existência do “Curso Experimental de Medicina”, bem como do HU. Ficaram surpresos por terem que passar a ensinar 175 alunos, justamente devido à extinção do Experimental.

Um desses surpreendidos propôs a seguinte resolução: “Revogar a extinção do Curso Experimental, passando a existir dois cursos médicos totalmente independentes entre si: um, no Campus da Universidade, com o HU, Centro de Saúde Butantã e o Galpão; e o outro, na Faculdade de Medicina da Av. Dr. Arnaldo com os seus laboratórios de Investigação Médica, HC e o seus vários institutos”. Essa pro-

posta foi posta em votação e perdeu por contundente margem de votos. A votação demonstrou que a Congregação da FMUSP queria que o HU ficasse ligado a ela.

Havia, também, os “ruídos dos corredores” do Hospital das Clínicas, oriundos de reuniões de estudantes, médicos e docentes que se manifestavam em favor de a Faculdade de Medicina assumir o HU de vez. Esses ruídos já eram escutados pelos ouvidos de todos os membros da Congregação.

Existia, ainda, o *medo* de que uma estrutura pronta para ser usada como hospital ficasse na posse de uma outra unidade da USP, que daria outro destino ao HU, que não o de um hospital, tal como ocorreu com o prédio anexo a ser dedicado à pesquisa, que foi oficialmente transferido para outra unidade da USP, que nele instalou a sua admi-

nistração, um destino que nada tinha a ver com sua finalidade original, de pesquisa.

A Congregação, mediante o evento ocorrido com o Anexo de Pesquisa do HU, instalou a “Comissão de Implantação do HU”, entenda-se de “Utilização do HU”. O presidente dessa comissão foi o professor Sebastião Sampaio e o vice-presidente o professor Eduardo Marcondes.

Somente cinco anos e meio após o “habite-se” concedido ao HU, o primeiro paciente foi nele internado, em 1981. A pediatria foi a primeira a se instalar, depois a obstetrícia, a cirurgia e, por fim, a clínica médica.

Foi criado, atendendo a um dos objetivos do Experimental, o Conselho Deliberativo do HU, com sete membros. O diretor da Faculdade de Medicina é o seu presidente nato, e mais cinco membros: diretores da Enfermagem, da Odontologia, das Ci-

ências Farmacêuticas, da Psicologia e da Saúde Pública, cujas instituições são, também, atuantes na área de saúde. O sétimo membro do Conselho era um representante discente.

O Curso Experimental da FMUSP deixou algumas heranças. Heranças ideárias: as *quatro carreiras médicas*, eletivas, no sexto ano de medicina. Heranças funcionais: atendimento de pacientes nos níveis primário, secundário e terciário, e criação do Conselho Deliberativo do Hospital Universitário. E, como heranças estruturais, o Centro de Saúde Escola do Butantã e o Hospital Universitário (HU), que completou 40 anos de existência em 2021.

Agradecimento

À professora Wanda Valle Marcondes Machado, do Instituto de Física da USP.

Referência

Marcondes, Eduardo: “Experimental course in medicine at the University of São Paulo”, *Educación Médica y Salud*, Volume 9 nº2 p. 172-195, 1975. Organização Panamericana de Saúde.

Notas

1 Professor Emérito e ex-diretor da Faculdade de Medicina da USP, o autor foi também professor de Clínica Médica do Curso Experimental de Medicina.
2 Hoje denominado Centro de Saúde Escola “Samuel Barnsley Pessoa”, em homenagem ao eminente pesquisador também perseguido pela Ditadura Militar.